

## EDITORIAL

É com muita alegria que apresentamos a 24<sup>o</sup> (vigésima quarta) edição do periódico E-Hum do Centro Universitário de Belo Horizonte – UNIBH. Neste contexto pandêmico, diante de uma realidade desafiadora, podemos dizer que a arte nos salva com uma edição especial dedicada ao ilusionismo arquitetônico e a fantasia no mundo barroco. Na seção de artigos livres Rubens Júlio Lopes Júnior e Jairo Venício Carvalhais Oliveira focam no estudo das funções de linguagem predominante no processo de retextualização que acontece na utilização de Emojis. Para os autores, as funções da Linguagem nos Emojis marcam os papéis diferenciados que os signos imagéticos criam em seus contextos como ferramentas da comunicabilidade humana. Assim, o estudo busca através do romance americano Moby Dick investigar e desvendar até que ponto os emojis funcionam como instrumentos de diálogos eficazes no tocante à interação humana. Seguindo a seção de artigos livres Luciana da Costa e Souza e Alexandra Nascimento Passos buscam analisar a dinâmica histórica entre o passado e o presente da ocupação de uma região que comportou a Colônia Santa Isabel, criada pelo poder público para isolamento e segregação de pessoas com hanseníase em 1930. Por meio da metodologia da história oral, as autoras reconstroem as experiências singulares e de ressignificação deste local, hoje denominada região de Citrolândia, localizada no município de Betim, zona Metropolitana de Belo Horizonte.

Neste número da Revista E-hum apresentamos o Dossiê História da Arte intitulado A construção da fantasia no mundo barroco. Trata-se de cinco textos particularizados sobre arte, a partir de pontos de vista da história, da história da arte, da história da ciência e da crítica de arte no período em que vigorou a sensibilidade barroca. Isso enriquece as discussões, promove novas e dinâmicas reflexões sobre os temas aqui tratados. Esta é a nossa intenção. As discussões estão versadas a partir de um ponto de vista formal, histórico e cultural, de modo que seus respectivos conteúdos se entrelaçam e permitam uma discussão mais rica e pujante do objeto artístico.

Os contextos apresentados ao leitor vão desde o argumento formal, preocupações metodológicas, as questões científicas que norteiam a arte, sua relação com o universo científico e ainda aspectos da dinâmica da própria pintura e seus representantes. Esta edição vem dar corpo a uma das nossas mais inquietantes preocupações, ou seja, a relação entre arte e ciência no mundo barroco. É importante contextualizar as teorias perspécticas – de um modo muito próximo ao que Panofsky chamou de formas simbólicas e a partir de um conceito de linguagens. Portanto, é neste contexto que importa analisar os ambientes onde se desenvolveram e permitiram a difusão da representação perspéctica. Isso nos remete a outros questionamentos, ou melhor, quem são os atores da perspectiva e qual o seu estatuto de operação e em que setor social pertenceram: religioso; laico; ou matemático. Na continuidade ainda podemos fazer a pergunta: é possível identificar os ambientes que facilitaram ou impediram a transmissão desta sabedoria às oficinas ou às academias? Fica aqui algu-





mas propostas de reflexão, de debate, pois o espaço não nos permite apontar conclusões finais. Nosso dossiê pretende informar, levantar questões, mas também apresentar um panorama significativo da história e da arte no período moderno. Podemos perceber a arte como uma história da linguagem visual e nesta postura os textos deste volume podem esclarecer ao leitor fragmentos de uma pesquisa ou parte de um processo analítico que pode ser desenvolvido em futuras investigações.

O campo de pesquisa da arte pode variar desde as formas visíveis e objetivas, até um universo invisível e imaterial, mas que dialoga com o espectador via objeto artístico. Estamos falando de duas realidades: a visível e física de um contexto tátil e outra de significados culturais. Neste sentido vislumbramos as duas “aparências” que nos conduzirá a uma análise do objeto de forma pertinente e plausível. Nossa tentativa é a de propor ao estudioso iniciar suas pesquisas já refletindo sobre seu objeto, encontrando formas estruturais de melhor dinamizar sua investigação através de leituras multidisciplinares e não isoladas num determinado campo de ação mais confortável.

É importante referir que este dossiê vem coroar o trabalho do grupo de pesquisa intitulado *Perspectiva Pictorum*, criado em 2007 e com diversas publicações. Este grupo conta com a participação de professores de história e de história da arte de diversos programas de pós-graduação das Universidades brasileiras e ainda recebe professores de diversas universidades estrangeiras como, por exemplo, a Universidade Nova de Lisboa, a Università degli Studi di Firenze, a Universidad Nacional de Marizales, a Universidad de Sevilla, a Universidad Pablo Olavide e a Universidade do Minho.

Este grupo de pesquisa organiza eventos de dois em dois anos na intenção de debater sobre a pintura ilusionista e as questões sobre a literatura artística, a partir do Renascimento. Estes eventos e suas respectivas publicações permitem dar um novo respiro ao estudo da pintura entre os séculos XVII e XIX, entre a Europa e a América Portuguesa.

Nos últimos eventos nossa intenção foi a de dedicar uma atenção maior à presença no Brasil do tratado *Perspectiva Pictorum* do Jesuíta Andrea Pozzo e atuar com maior precisão nas investigações sobre os tratados de arquitetura e de perspectiva que possam se relacionar com a decoração espacial no Brasil Colonial. Um assunto muito pouco estudado, mas que merece uma atenção da nossa historiografia da arte. E como chama a atenção Martin Kemp, a perspectiva deve ser vista dentro de uma conjuntura cultural e específica e não a partir de dogmatismos matemáticos. Normalmente os tratados são estudados fora de uma proximidade com a pintura e, neste caso, nosso objetivo fulcral é o de aproximar estes conhecimentos técnicos com a feitura da obra de arte, especialmente a decoração ilusionista em tetos ou em paredes em todos o espaço nacional, valorizando as suas particularidades culturais.

Em contato com a Università degli Studi aprendemos muito sobre as pesquisas interdisciplinares conjugando a história da arte, o restauro arquitetônico e a disposição científica. É necessário compreender que para um melhor entendimento destas





pinturas e sua proximidade com os textos científicos, o estudo separado não permite uma compreensão completa do objeto em questão. Naturalmente, a catalogação e inventariação é basilar e ponto de partida para qualquer estudo. Mas apenas conhecer e identificar as obras não resolve a situação. As etapas são: inventariar, conhecer a documentação e criar um corpus imagético. Somente posteriormente a estas etapas é que podemos nos aventurar no conhecimento intrínseco destas pinturas.

O campo desta nossa publicação não passa exclusivamente pela decoração perspéctica, mas dá uma amplitude de temas e de interpretações para mostrar as possibilidades de investigação desta disciplina. Não nos preocupamos com uma construção linear dos temas ou da sua cronologia, pois os temas e os assuntos são diversos e não apresentam uma continuidade entre si. É importante lembrar que para além das nossas especificidades, o ver a obra e interpretá-la deve ser um ponto assente em nossos pensamentos. Assim, discute-se a partir do olhar em seu aspecto formal, em suas particularidades, mas, igualmente, em seus mundos “cosmovisionais”. Com esta proposta apresentamos ao leitor tanto as probabilidades do objeto, como as análises das suas funções e do seu sentido retórico ou persuasivo.

O dossiê se abre com algumas reflexões metodológicas de Magno Moraes Mello. Ele chama a atenção para as muitas lacunas em nosso conhecimento da prática da pintura na América portuguesa, principalmente no que diz respeito ao aprendizado técnico dos pintores. O texto é um convite as novas pesquisas, e incentiva os pesquisadores a unirem suas forças num projeto mais coeso, a fim de esclarecer como os pintores adquiriam seus conhecimentos de geometria, base fundamental na prática da pintura de falsa arquitetura, característica frequente nas pinturas em todas as regiões da Colônia. Ele levanta uma série de questões que, se desenvolvidas, poderiam produzir interessantes estudos. O texto também discute a possível importância da Ordem dos Jesuítas na difusão dos conhecimentos matemáticos no Brasil colonial, impactando a produção artística, e levanta a problemática dos significados espirituais da arte sacra ocidental nesse período, a partir da mentalidade jesuíta.

No segundo artigo, Adalgisa Arantes Campos passa em revista a tradição historiográfica sobre o desenvolvimento da crença no Purgatório enquanto lugar escatológico, comentando principalmente os trabalhos de Jacques Le Goff, Michel Vovelle e Flávio Armando da Costa Gonçalves, sendo que estes dois últimos privilegiam fontes iconográficas de pesquisa. O texto afirma a existência de um hiato entre o estabelecimento da crença no Purgatório e o surgimento de sua representação figurativa. Em seguida, ela faz uma análise iconográfica de três obras de arte, de três momentos históricos distintos, permitindo assim que sejam vistas as transformações na crença no Purgatório, ao mesmo tempo em que nos permite perceber a continuidade do conceito escatológico.

No texto seguinte, Fumikazu Saito discute as relações entre perspectiva naturalis e perspectiva artificialis nos séculos XV e XVI, numa discussão que associa a História da arte e a História da ciência, esclarecendo, por exemplo, as diferentes termi-





nologias presentes nos tratados de óptica e perspectiva, tanto medievais quanto renascentistas. Em seguida, ele se concentra no tratado de Daniele Barbaro, *La pratica della prospettiva*, do século XVI, mostrando como o tratado marca um afastamento entre os estudos de perspectiva linear, própria dos pintores, matemáticos e geômetras, e os estudos de óptica e “perspectiva natural”, absorvidos cada vez mais nos tratados de medicina e filosofia natural.

Já o artigo de Alfredo Morales é um estudo sobre a obra do pintor sevilhano Juan de Valdés Leal, o autor do célebre ciclo *Jeroglíficos de Nuestras Postrimerias*, composto de duas pinturas: *Finis gloriae mundi* e *In Ictu Oculi*. Com sua temática macabra, essas duas pinturas renderam a Valdés Leal a alcunha de “pintor da morte”. Morales nos revela o quão injusta é tal fama, ao mostrar outros aspectos de sua trajetória em Sevilha. Na verdade, encontra-se nessa cidade uma variedade de obras do pintor, desde a pintura mural até a pintura de perspectiva, passando pela policromia de retábulos. Alfredo Morales tenta discernir também, no conjunto de sua obra, a participação do filho do pintor, Lucas Valdés, especialmente na pintura de perspectiva, ou falsa arquitetura.

O contexto da pintura sevilhana também é abordado no texto de María Mercedes Fernández Martín, em seu estudo sobre as bibliotecas dos pintores, a partir de seus testamentos e inventários. Ela também menciona Valdés Leal e seu filho, Lucas Valdés, mas em meio a outros pintores igualmente importantes, como Matías de Arteaga y Alfaro, Estéban Murillo, Andrés Pérez, e principalmente Domingo Martínez, o pintor sevilhano mais importante da primeira metade do século XVIII e possível discípulo de Lucas, e que possuía uma ampla biblioteca com numerosos tratados de pintura e arquitetura. Ela então estuda a influência desses tratados, especialmente o de Andrea Pozzo, em algumas obras de Martínez preservadas em Sevilha.

É basilar dizer que a história da arte não deve focar exclusivamente a uma preocupação voltada para grandes problemas ou grandes soluções de atribuição de autoria ou espaços cronológicos. O “olhar” nos permite analisar tanto uma obra antiga como outra mais próxima. Enfim acreditamos que a mensagem mais importante e, provavelmente, o ponto de partida de cada autor, de cada pesquisa aqui apresentada neste dossiê.

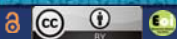
As investigações nos mostram que a história da arte parte de problemas, de convergências e de confrontos e são todas estas “peças” que reagrupadas nos remete ao processo interpretativo da obra de arte.

Deste modo vamos ver a arte não apenas pela forma, pela estrutura, pela religião, pela sociedade ou pela política, mas por tudo isso, ao mesmo tempo, e com considerações específicas de trabalhar o universo cultural artístico num quadro epistemológico aberto com novos olhares e novas experiências.

Não se pode esquecer que o passado nos deu de presente o objeto artístico – temos que procurar entendê-lo sempre hoje com os nossos olhares, com os nossos conhecimentos. Neste dossiê apresentamos um mundo em formas sensíveis transformado em signos. Afinal, espacialidade, um ponto bem desenvolvido nesta edição, permite







interpretações dilatadas de grande alcance, que em certa medida caminha lado a lado numa ordenação temporal própria. É o nosso olhar o responsável pelos princípios de classificação.

Ao leitor desejo uma leitura profícua e espero que estes textos possam criar condições reais de um conhecimento de grande elasticidade entre história, ciência e história da arte. A pluridisciplinaridade pode ser também um caminho a ser percorrido pelo historiador da arte.

Não poderia deixar de manifestar o meu agradecimento às contribuições enviadas para a composição deste dossiê. A todos o meu sincero obrigado.

#### Organizadores do Dossiê:

 <https://orcid.org/0000-0003-3963-8338>

Prof.Dr. Magno Moraes Mello

 <https://orcid.org/0000-0003-0579-0737>

Prof. Dr Cláudio Monteiro Duarte

 <http://orcid.org/0000-0001-8013-7645>

Prof. Dr. Rangel Cerceau Netto

Editor Chefe:

